



VIAGENS, VIAJANTES E NARRATIVAS: LEITURAS DE TRÂNSITOS

Gerson Rodrigues de Albuquerque

Universidade Federal do Acre (UFAC)

E-mail: gerson.ufac@gmail.com

ISHII, Raquel Alves. *William Chandless: arte e ofício em literatura de viagem pelas Amazôniaas. Rio Branco (AC): Nepan Editora, 2019, 125p.*

Raquel Ishii é filha do trânsito de fronteiras, línguas e pessoas. A exemplo de inúmeras mulheres e homens de diversas localidades do mundo, o amálgama está no cerne de sua trajetória: seu avô, nascido no Japão, migrou “apátrida” em busca de outros ares e, em andanças sul-americanas, no Brasil, conheceu uma paraguaia, filha de pai alemão e mãe Guarani *Mbya*, com quem se casou, confrontando a visão racista de sua família, que não via com bons olhos a mistura de um japonês com uma “bugre dos pampas”. Juntos, viveram na cidade de São Paulo, onde nasceram e cresceram seus filhos. Um deles, Alberto, em deslocamentos pelas Amazôniaas, conheceu o garimpo, a floresta, o mercado transfronteiriço e a filha de trabalhadores dos “mundos da borracha”, que residia na periferia de Rio Branco e decidiu acompanhá-lo em aventuras nas desventuradas lides das áreas garimpeiras da Amazônia rondoniense.

Segundo a lenda da história oficial e da tradição dos vencedores, Porto Velho, às margens do rio Madeira, foi criada pela Madeira Mamoré *Railway Company*. Nessa cidade nasceu Raquel Ishii, em meio a deslocados, deslocamentos, naturalizadas violências e assimétricos cotidianos de viajantes. Anos mais tarde, nos tempos de formação colegial, junto com sua mãe, Alice, e os dois irmãos, Marcos e Marcelo [seu pai foi em seguida], migrou para Rio Branco, a capital do Acre, experimentando novos trânsitos, deslocamentos e diferentes formas de intervenção nos embates cotidianos de luta pela cidade, que marcaram sua formação intelectual e política.

Este breve esboço biográfico – não autorizado – me parece interessante metáfora para comentar *William Chandless: arte e ofício em literatura de viagem pelas Amazôniaas*, de Raquel Alves Ishii, Nepan Editora, 2019. Livro esse originalmente apresentado na forma de



dissertação de mestrado (2011) ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre. Sobre essa publicação, antecipadamente, importa assinalar que se trata de uma obra lapidada no trânsito intercultural pelas mãos de uma pesquisadora bilíngue, amparada nas formulações da tradução poética benjaminiana e disposta a romper os limites das cápsulas e encarceramentos disciplinares.

Inspirada pelos referenciais teóricos dos Estudos Culturais, a autora colocou em questão os cânones de sua formação acadêmica, enfrentou seus limites, seus fantasmas e as dificuldades de acesso às fontes de pesquisa. Foi por intermédio do paleontólogo Alceu Ranzi que manteve o primeiro contato com alguns dos principais relatos de viagem de William Chandless e as preciosas dicas que lhe possibilitaram acessar os acervos da *Royal Geographical Society* e da *Trinity College Library*, na Inglaterra, ou da *Utah State Historical Society*, nos Estados Unidos, estabelecendo estreita correspondência com Sara Strong, Craig Fuller e Jonathan Smith, funcionários dessas instituições.

Ao longo de toda a pesquisa, com perspicácia, Raquel Ishii analisou publicações de diferentes autores que lidaram com relatos de viagem, vasculhou relatórios de governos da Província do Amazonas, comparou cartografias das Amazônias da segunda metade do século XIX com cartografias da atualidade, esmerando-se em leituras e traduções de registros, mapas e das precisas coordenadas deixadas por Chandless, adentrando em domínios inerentes à etnografia, geografia, antropologia, história, literatura e linguística.

Organizado em três capítulos, o livro vai das origens e da formação de William Chandless, passando por uma viagem que empreendeu pelos Estados Unidos e lhe possibilitou uma permanência de dois meses entre os mórmons da cidade de Salt Lake, em Utah, até seus encontros/desencontros e convivências com praticos negros, guias e remadores indígenas em trajetórias por rios das Amazônias, na década de 1860. Dentre esses rios estão o Juruá, o Aquiry e, especialmente, o Purus, que, nas palavras de Euclides da Cunha, teve suas linhas geográficas traçadas de maneira rigorosa e precisa pelo viajante inglês.

No cerne dos objetivos de Raquel Ishii encontramos a perspectiva de “analisar o discurso etnocêntrico produzido acerca de paisagens e culturas amazônicas”, que ela toma com reservas e disposição de não se deixar levar pelo fascínio das essencializações tão comuns em escritos e narrativas dessa natureza. Imbuída desse propósito, com férrea

disciplina, procurou ler e traduzir os relatos de Chandless armada com importantes ferramentas teóricas, dentre as quais destaco: o olhar político, de Walter Benjamin, que adotou “para ‘profanar’ as sacralizações historicamente constituídas, procurando encontrar nas ‘margens’, nas ‘sombras’, nos ‘rastros’ ou nos ‘esquecimentos’, uma outra reflexão discursiva e histórica de uma parte das muitas e invisibilizadas Amazônias” [p. 30]; e a poética da diversidade, de Édouard Glissant, necessária para adotar “um modo não binário de compreender a experiência humana, ou seja, que nos permita ser nós mesmos e ser o outro, sem que isso signifique diluir-se por completo no outro”, confrontando pensamentos de sistema, ou seja, recusando pensamentos limitadores, que “ordenam e fixam seus elementos, determinam, pasteurizam, universalizam suas relações e, além disso, estão sempre prontas para expurgar de seu interior qualquer manifestação que não esteja previamente categorizada ou catalogada” [p. 29].

Creio ser interessante destacar essas escolhas da autora, fundamentalmente, porque sua escrita avança na contracorrente dos consensos e arranjos superficiais de grande número de pesquisadores e estudiosos amazonialistas que reduziram a imagem de Chandless à condição de geógrafo e viajante explorador a serviço da *Royal Geographical Society (RGS)* de Londres ou de interesses dos grandes cartéis internacionais pela região.

William Chandless era Mestre em Artes, com formação em direito, estudioso do grego, do latim, da matemática, com sólida formação humanista. Foi com os recursos de uma herança recebida e um romântico espírito de aventura que empreendeu suas viagens pelas Amazônias e não financiado pela *RGS*, afirma, Raquel Ishii. Para além disso, a autora insere questões e abordagens bem mais interessantes, notadamente, porque navegou em rios de palavras/conceitos e se empenhou não apenas em interrogar silêncios, mas em ouvir seus intrigantes apelos no intransitivo de espaços/tempos únicos e singulares, nos gestos e vozes que ecoam dos espartanos escritos do viajante inglês. Escritos esses de valor incalculável para a pesquisa e o estudo sobre trajetórias de diferentes comunidades amazônicas.

Destaco aqui, a título de exemplo, os relatos *Ascent of the River Purus* (1866), *Notes on the River Aquiry, the principal Affluent of the River Purus* (1866), *Notes of a Journey up the River Jurua* (1869), que Raquel traduziu para o português, sem perder de vista que a tradução “ocupa um espaço de passagem, no qual não se fixam momentos cristalizados,

identidades absolutas, mas se aponta continuamente para a condição diferencial que a constitui”, como afirmou Susana Kampff Lages com quem a autora dialoga.

Os relatos de Chandless, ressalta Raquel Ishii, assim como os relatos de inúmeros outros viajantes que percorreram Áfricas, Américas e Amazônias no século XIX, foram forjados como objetos de “‘descobertas’ de culturas, rios, florestas, lagos e uma infinidade de seres do ‘mundo natural’”, nomeando-os como coisas para serem investigadas e catalogadas ou, como prefere a autora, “paisagens estetizadas” que “seriam adjetivadas e traduzidas para ‘europeus’ e ‘não europeus’ como aquilo que é; que está; que deve ser”, em um “jogo da linguagem que funda discursos de ordem, espelhando as lógicas do poder político e cultural” [p. 63].

Penso que ganha importância destacar essa percepção da autora, pois, ao descrever diferentes paisagens e seres vivos (humano e não-humanos) de rios e florestas, Chandless não estava sozinho, mas na companhia de outros viajantes, que narraram as Amazônias antes dele, relatando “aquilo que é, que está, que deve ser”. Nessa direção, cito dois significativos exemplos retirados de trechos do livro de Raquel Ishii. O primeiro é sobre o Purus, que remete o intrépido viajante ao Aqueronte, o mitológico rio sobre o qual trafega um frio barqueiro, conduzindo as almas dos mortos aos silenciosos portões do Hades: é assim que é, que está, que deve ser o Purus narrado: rio de malária, repleto de bagres (*Pimelodus*), mas também de arraias, jacarés, piranhas, piuns e carapanãs que, durante os dias e as noites, tornam a vida um inferno.

O segundo, é sobre o Aquiry, rio navegado por Chandless, que, em “todo o seu percurso”, e exceção de pouco mais de um quilômetro e meio, não viu “um sinal sequer de índios. Nenhuma pegada, nenhum sinal de castanheiras, nenhum galho quebrado pelo homem”. Tal ausência, presente na narrativa do viajante, o levou a concluir que, provavelmente, “há vastas extensões desabitadas e, até mesmo, não frequentadas por índios” [p. 66]. É assim que é, que está, que deve ser o Aquiry narrado: um rio vazio de humanidade e de civilização.

A partir desses dois breves exemplos, é possível traçar o instigante perfil de *William Chandless: arte e ofício em literatura de viagem pelas Amazônias*, por possibilitar surpreendermos uma Amazônia acreana que é, que está, que deve ser algo narrado, ou seja,

uma realidade instituída pela narrativa que a forja e por um amplo conjunto de outras narrativas que a repetem e difundem de múltiplas maneiras. Trata-se de um “real contado” para lançar mão das palavras de Michel de Certeau, isto é, “um real fabricado” ou um conjunto de fabulações, de fatos que resultam da prática escriturária, “prática de espaço”, fabricante de geografias e histórias.¹

Raquel Ishii não complica as coisas e, literalmente, conclui que “as noções de ‘inferno’ e de ‘vazio demográfico’” se constituíram em poderosas metáforas a governar os olhares e os imaginários de governantes, intérpretes e estudiosos da Amazônia acreana. Metáforas que foram transformadas em um verdadeiro dogma, capaz de revelar a realidade de uma região adjetivada como distante, vazia, solitária, selvagem, isolada. Um dogma tecido por relatos de viagem como os de William Chandless, encenando e reencenando “teatros nos quais os ‘homens da terra’ aparecem/desaparecem” ou são configurados ao sabor/saber das palavras do viajante ou das “‘letras brancas’ de sua escrita” [p.72].

Porém, Raquel Ishii não reduz sua análise ao lugar comum das visões românticas que colocam de um lado o colonizador eurocentrado e de outro lado o colonizado, a vítima ou o coitado da história. Inspirada em Mary Pratt, Enni Orlandi e Edward Said ela faz um mergulho que transita entre o dito (escrito) e o não dito (não escrito), destacando em sua leitura, tradução e interpretação as relações intersubjetivas entre o viajante e as mulheres e homens com quem conviveu e tentou dialogar ao longo de suas viagens pelos rios ou estadia na cidade de Manaus. Desse mergulho, a autora apresenta um texto que abre possibilidades de investigações outras, especialmente, para as pessoas interessadas em fazer a leitura dos relatos de viagem de William Chandless como aquilo que eles são: narrativas de lugares, narrativas de espaços/tempos, narrativas de diferentes seres que foram produzidos no âmago de tais narrativas; coisas, espaços/tempos e seres narrados e não acontecimentos ou fatos reais.

Tais percepções indicam o quanto essa jovem e talentosa autora se mantém vigilante contra as armadilhas do amazonialismo e a sedução do objeto de estudo. Vigilância que a levou a compreender que “os múltiplos significados dos relatos de viagem” possibilitam uma “abertura epistemológica”, especialmente, pensando na “abrangência do valor histórico desses

¹ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1 – artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 5. ed., Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2000.



documentos enquanto fontes de estudo; de sua constituição enquanto ‘representação do real’ e de sua articulação com temporalidades presentes através do discurso que os atravessa” [p.20]: os relatos de viagem são historicamente datados, são narrativas subjetivas, narrativas de mulheres e homens carnalizados em específicos espaços/tempos, conclui Raquel Ishii, legando importante contribuição metodológica aos pesquisadores e pesquisadoras de sua geração e uma refinada e necessária crítica a certas visões romantizadas e objetivistas em torno da literatura de viagem.